

A cidade que educa ou Pulando o muro: A importância de espaços culturais na construção de uma Educação Transformadora nas periferias

Natália Oliveira Camara

Orientadora: Mônica Padilha Fonseca

RESUMO

Esse artigo enfatiza a contribuição dos espaços culturais na promoção de uma Educação Transformadora nas periferias do Brasil, por meio de uma análise bibliográfica que explora conceitos freireanos de Educação Transformadora (2005) e também a relação entre educação, cultura e cidadania através da visão de Moacir Gadotti (2006). Explorando uma variedade de fontes de dados, pesquisas, teses e livros e explorando três exemplos de projetos culturais no Distrito Federal, é destacado que tais espaços desempenham um papel crucial na construção de conhecimento significativo, no fomento de habilidades socioemocionais e na valorização da identidade cultural das comunidades locais. Esses resultados provocam a discussão da importância desses espaços no empoderamento não só dos alunos, mas de toda a comunidade.

Palavras-chave: Educação Transformadora, cultura popular e periferias urbanas.

Introdução

Em minha trajetória de vida, desde a infância, passando pela minha adolescência e até a vida adulta, a educação fora dos muros da escola sempre me atingiu de forma significativa. Em minha infância, tinha a ideia da professora como uma espécie de entidade que seria superior, a quem eu deveria respeitar e obedecer acima de tudo durante a ausência dos meus pais e assim toda a minha relação dentro da escola era pautada pelo bom comportamento e pela disciplina que eram observadas em minha personalidade, até mesmo em minhas vestimentas, sempre bem arrumadas, limpas e alinhadas.

Com o tempo, passei a estudar em uma escola maior, com mais turmas, crianças de todas as idades e fui conhecendo outras coisas e descobrindo mais sobre quem eu era. Foi nesse momento que houve uma virada brusca entre a menina engomada e disciplinada e a menina jogadora de futebol. Foi nesse momento que passei a perguntar e querer saber sobre tudo, sobre como o mundo funciona, sobre o porquê das coisas.

Acontece que quanto mais eu crescia, menos me respondiam sobre os porquês, afinal minhas perguntas ficavam cada vez mais difíceis dos adultos que conviviam comigo responderem, ou talvez não tinham a vontade de responder. Lendo Bell Hooks, percebi que em qualquer parte os adultos, em geral, não estão com essa disposição em solucionar as dúvidas dos pequenos.

A maioria dos meus professores não estavam nem um pouco interessados em nos esclarecer. Mais que qualquer outra coisa, pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho, a sala de aula. (HOOKS, [1994] 2017, p.30)

Já que o espaço escolar não me deu as respostas dos meus porquês, eu tive que ir em busca deles por conta própria. Livros, filmes e peças de teatro ajudavam a saciar minha gana por saber mais. A arte me pareceu a resposta para tantos porquês e de tanto ser uma pequena admiradora eu comecei a querer produzir também. Foi assim que já na minha adolescência passei a me envolver mais e mais com a arte e ainda mais durante a minha graduação, graças às minhas experiências em espaços que a universidade pública me proporcionou.

E foi assim que vivenciei e presenciei o efeito que esses espaços culturais têm na vida das crianças e jovens nas periferias do DF. Com várias formas de abordagem, esses espaços mudam a vida da juventude, apresentando caminhos para a emancipação, para a ascensão social e cultural. Os projetos e espaços culturais podem contribuir para a formação transformadora ao ampliar o repertório cultural dos jovens, apresentando diferentes manifestações culturais e artísticas. Esse trabalho somado à valorização das bagagens culturais dos indivíduos, só tem a agregar na construção do conhecimento significativo.

Nas periferias do país, o impacto desses espaços culturais pode ser ainda mais significativo, pois os desafios têm relação com o próprio acesso à cultura. Aqui

no Distrito Federal, pode-se observar a diferença entre a quantidade de equipamentos culturais no centro de Brasília, na Região Administrativa do Plano Piloto, e os aparatos culturais existentes nas periferias. No artigo *Lazer e Políticas Públicas, um olhar sobre a periferia*, a autora Silva Amaral evidência muito do que reforço aqui, segundo ela:

Claro que se políticas focalistas fossem o pontapé de um quadro de inversão de prioridades, isso não seria ruim, pois a ideia de priorizar as periferias com o objetivo de promover a democratização cultural, do diálogo entre o que há de cultura nativa e o que há de acúmulo cultural universal, nos parece que deve ser o primeiro passo para a mudança do quadro que vemos hoje no Brasil. Porém o que vimos assistindo é uma política pobre, para pobres. Como o estado se desresponsabiliza de seu papel, surgem todos os dias políticas levadas à população das periferias [...] que tendem a manter a periferia na periferia do sistema. (AMARAL, Silva, 2009, p. 3)

O acesso e investimento à cultura existe na área central de Brasília desde a sua idealização, diferente do que acontece nas periferias que pouco possuem investimento do Estado para estas demandas. Através de um instrumento do Observatório de de Economia Criativa do DF, chamado *Mapa das Nuvens*, mapa que traz eventos culturais, espaços e agentes culturais em todo DF, podemos ver que existem 159 espaços culturais apenas na região do Plano Piloto contra 70 em Ceilândia que entre as periferias é a com mais aparatos culturais. Temos cidades ainda mais prejudicadas como São Sebastião com 19 e Brazlândia com 2.

Pensando nisso, esse trabalho busca, por meio de uma revisão bibliográfica, investigar como os espaços culturais contribuem para uma Educação Transformadora nas periferias. Sendo assim o artigo será construído da seguinte forma: primeiramente, será feita uma revisão bibliográfica dos autores que estruturam o conceito de Educação Transformadora e da ligação entre educação, cultura e cidadania. Esses autores são Paulo Freire (1979, 1992, 2004), Antonio Moreira (2013), Vera Candau (2013), Carlos Brandão (2002, 2016), Ângelo Salvador (1974), Silvia Amaral (2009) e Moacir Gadotti (2006). Logo em seguida, o artigo apresenta três trabalhos que discutem e experimentam a ação desses aparatos culturais para uma Educação Transformadora nas periferias do Distrito Federal contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e cultural das

crianças e jovens, promovendo protagonismo juvenil, reflexão crítica e fortalecimento da identidade cultural.

1. Educação Transformadora - Como a educação acontece para além dos muros da escola?

Na busca por uma educação significativa é natural que imposições tradicionalistas do sistema capitalista causem estranhamento e até mesmo revolta. Em meus estudos no decorrer da formação muitas vezes me deparei com situações que considerei injustas e incoerentes, demonstrações evidentes de uma educação bancária, não caminhavam de acordo com o que às próprias concepções que a educação brasileira defende em seus documentos legais como a Base Nacional Comum Curricular ou os pressupostos teóricos do Currículo em Movimento - documento curricular do Distrito Federal. Comecei a compreender que a escola como participante do sistema capitalista acaba por se transformar em uma ferramenta de manutenção desse sistema, algo destacado por Gramsci ao abordar a ideia de superestrutura. Nesse sentido, através de métodos opressivos ou de caráter cultural, a classe dominante exerce seu controle, visando disseminar sua ideologia (ACANDA, 2006). Um dos caminhos possíveis é atuar na perspectiva libertadora, onde mesmo dentro da escola é possível fazer com que a educação seja uma das ferramentas de assolação desse sistema.

Podemos afirmar que o sistema capitalista tem a ideologia de manter a alienação de certos grupos e pensamentos. A sociedade de consumo mantém as pessoas alienadas por meio da criação de necessidades artificiais desviando o olhar de questões substanciais. A competitividade, por exemplo, é diariamente incentivada nos meios escolares, acadêmicos, profissionais e corporativos. Competitividade esta que beneficia a burguesia e não os estudantes e trabalhadores que por sua vez se distanciam cada vez mais uns dos outros, se tornando seres extremamente individualistas onde, como oprimidos, sonham em ser os próprios opressões (FREIRE, 2005). Nesse sentido,

A divisão manufatureira do trabalho supõe a autoridade incondicional do capitalista sobre os homens que constituem meras engrenagens de um mecanismo total que a ele pertence; a divisão social do trabalho confronta

produtores autônomos de mercadorias, que não reconhecem outras autoridade senão a da concorrência, da coerção que sobre eles a é exercida pela pressão de seus interesses recíprocos, assim como no reino animal, guerra de todos contra todos, preserva em maior ou menor grau as condições de existência entre as espécies. (MARX, Karl, [1867] 2013 p.534)

A alienação é um mecanismo essencial para a manutenção do poder e da exploração capitalista, e de Marx a Freire fica claro que essa exploração pode ser superada por meio da conscientização e da luta de classes em busca do poder popular.

Pensando nisso, é papel do educador que questiona a organização da sociedade capitalista, buscar conhecimento e práticas alternativas de educação que garantam a valorização dos indivíduos e de todo o contexto que os cerca. À luz das ideias de Paulo Freire, a esperança se torna um elemento vital na prática educativa. Freire entendia que a educação não era um ato neutro, mas sim uma atividade política e social que buscava a transformação e a libertação dos indivíduos. A esperança, para Freire, não era passiva, mas sim ativa e comprometida com a mudança. Era a crença na possibilidade de transformação, na capacidade dos indivíduos se tornarem sujeitos conscientes de sua realidade e agentes de mudança em seus contextos. Freire assinala:

Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com injustiças, que se ofende com discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa. (FREIRE, Paulo. 2004, p. 71)

A Educação Transformadora, como concebida na teoria do educador brasileiro Paulo Freire, é uma abordagem pedagógica que visa à emancipação dos indivíduos, a conscientização crítica e a transformação da realidade social. Em sua obra seminal, *Pedagogia do Oprimido* (2005), Freire introduz o conceito de uma educação que vai além da mera transferência de conhecimento, propondo uma prática educacional que capacita as pessoas a compreenderem sua realidade, questionarem as estruturas opressivas e, assim, tornarem-se agentes de mudança em suas próprias vidas e em suas comunidades. Freire expõe que “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas

devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente.” (FREIRE, Paulo, [1968] 2022, p.54)

Freire fundamenta sua teoria da Educação Transformadora na ideia da conscientização, que envolve a percepção crítica das relações de poder e das injustiças sociais. Ele argumenta que a educação deve capacitar os oprimidos a ler o mundo e, ao fazê-lo, capacitados a escrever sua própria história. Enfatiza que a transformação requer uma participação ativa e um processo dialógico no qual educadores e educandos aprendem mutuamente. “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado [...]” (FREIRE, Paulo, [1968] 2022 p. 95). A pedagogia freireana defende a importância do diálogo como veículo para a construção do conhecimento e o fortalecimento da consciência crítica. Freire acredita que o diálogo autêntico é a base para a Educação Transformadora, pois permite a compreensão mútua, a valorização dos saberes dos educandos e a análise das estruturas opressivas.

As relações horizontais dentro da escola são fundamentais, cada criança, cada estudante, cada jovem, carrega consigo uma bagagem com histórias, experiências e conhecimentos, que são válidos tanto quanto aqueles presentes em qualquer livro didático. É isso que Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau trazem em seu livro *Multiculturalismo - Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*:

Parto da afirmação de que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Nesse sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica “desculturalizada”, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura. (MOREIRA, Antonio; CANDAU, Vera, 2013, p. 13)

A educação que vai além dos muros da escola conversa com a abordagem de Antonio Moreira e Vera Candau. Substancialmente a Educação Transformadora existe por meio de canais que não se restringem aos muros de uma instituição, as suas bibliotecas ou seus livros empoeirados. A educação que se propõe a transformar e a emancipar busca conhecimento para além desses muros. É uma forma maravilhosa de aproximar a juventude, a aproximação com a realidade de cada um faz com que tudo se torne mais significativo, como afirma Carlos Brandão:

A educação existe onde não há escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. (BRANDÃO, 1995, p.6)

Na construção do conhecimento significativo a educação formal não deve ser vista como um fim em si mesma. Para que a educação se torne transformadora de forma verdadeiramente eficaz, deve estar enraizada em uma compreensão mais ampla da sociedade e das complexas interações que moldam o mundo. Ela está intrinsecamente ligada à economia, à política, à cultura e a uma série de fatores que interferem no ambiente social. Portanto, a educação formal não deve ser vista isoladamente, mas como um dos componentes interdependentes do fenômeno social, que influencia e é influenciada por todas as esferas da vida humana. Em seu livro, *Cultura e Educação Brasileiras*, Ângelo Salvador evidencia que:

Nesse sentido e dentro da visão da causação circular, a educação deve ser pensada em suas inter relações como o político, o social, o econômico e, especialmente, o cultural. A teoria e a prática educacionais tem relação direta com a cultura: para transmiti-la ou para renová-la. O conhecimento da cultura de um país é um pressuposto necessário à reflexão pedagógica adequada e à atuação educacional eficaz nesse país. (SALVADOR, 1974, p.5)

Em sua obra, Moacir Gadotti muito diz sobre o poder que existe na valorização da cultura popular, na valorização do que é criado em comunidade, por trás dos contextos da juventude, do que a cidade é capaz de nos ensinar. Em seu artigo *A Escola na Cidade que Educa*, Gadotti traz pesquisas feitas ao redor do mundo que evidenciam o poder das cidades na educação dos jovens. Gadotti fala que para além de questões burocráticas e econômicas, a cidade tem o objetivo de formação para e pela cidadania e isso só acontece perante os protagonistas dessa cidade, sua comunidade, crianças, jovens e trabalhadores. Assim como o professor educa e é educado, a cidade educa e também é construída pela sua própria comunidade (GADOTTI, 2006).

Nesse mesmo artigo, Gadotti apresenta o conceito de cidadania que muitas vezes é entendida de maneira superficial, ao ponto que esquecemos o que

realmente significa. Sabemos que a cidadania é a consciência dos direitos e deveres de cada um, mas o que isso quer dizer?

A cidadania não se limita apenas a direitos políticos, mas também envolve o reconhecimento da dignidade e igualdade de todos os cidadãos. Para o proletariado, que historicamente enfrentou a exploração econômica e a privação de direitos fundamentais, a luta pela cidadania significa não apenas a busca por melhores condições de vida, mas também o reconhecimento de sua identidade e papel na sociedade. A cidadania plena inclui não apenas o acesso a recursos e oportunidades, mas também o respeito por sua identidade cultural, étnica e de classe (GADOTTI, 2006).

Para Gadotti a cidade desempenha um papel central na construção da identidade. Nas áreas urbanas, onde muitos trabalhadores se concentram, as lutas pela cidadania e pelo reconhecimento de identidade tomam força através de espaços que fomentam essas discussões, como sindicatos, grupos de defesas dos direitos civis e os próprios espaços culturais. A cidade, como espaço onde essas comunidades vivem, é o palco onde essas batalhas políticas se desenrolam, e a educação se torna a ferramenta que capacita as pessoas a reivindicar seu direito à cidadania plena e ao reconhecimento de sua identidade cultural.

Através de uma educação crítica e transformadora, o proletariado pode adquirir as ferramentas necessárias para entender sua realidade, lutar por seus direitos e afirmar suas identidades. A privação cultural que muitas comunidades periféricas enfrentam é estrategicamente política, uma vez que reflete a marginalização sistemática dessas comunidades nas estruturas sociais e econômicas. A falta de acesso a oportunidades culturais e educacionais de qualidade amplia ainda mais a lacuna entre os direitos de cidadania e o reconhecimento de identidade. Em seu artigo *Lazer e Políticas Públicas*, Sílvia Cristina Franco Amaral, aprofunda esse assunto trazendo que modelos políticos neoliberais acreditam que o lazer e a cultura, são mercadorias a serem consumidas e pagas. No cenário neoliberal o tempo de trabalho, o tempo em que o proletariado de fato produz e gera lucro não pode ser dividido entre outros direitos básicos do indivíduo, e assim o tempo destinado para o lazer, para a cultura, é considerado

desperdício e a lógica neoliberal faz com que ele seja inacessível ao trabalhador (AMARAL, 2009).

Nesse contexto, a Educação Transformadora, pode contribuir para empoderar os indivíduos nas periferias por meio da conscientização e formação crítica, e também desafiar o status quo, que perpetua desigualdades culturais e socioeconômicas. Em seu livro *Educação e Mudança*, Freire fala sobre o papel do trabalhador social em construir caminhos e possibilidades onde os indivíduos não sejam objetos de transformação e sim sujeitos. (FREIRE, 1979)

É essa educação de Freire que busca envolver os educandos na compreensão de suas realidades e no questionamento das estruturas de poder que perpetuam a privação cultural.

A cultura é um conceito complexo e multifacetado que tem sido estudado e discutido por uma variedade de teóricos e acadêmicos ao longo dos anos. A compreensão da cultura evoluiu ao longo do tempo, especialmente à luz das mudanças sociais, tecnológicas e econômicas que afetaram a forma como as pessoas interagem e se expressam. A cultura, de forma ampla, engloba os elementos comuns e partilhados por um grupo, como valores, crenças, práticas e expressões artísticas (SALVADOR, 1974).

Nas culturas periféricas, essa expressão assume um papel crucial, servindo como uma forma de resistência e preservação da identidade frente à influência de uma cultura dominante. Essas culturas periféricas resistem às forças homogeneizadoras, valorizando suas raízes, línguas e práticas culturais únicas. Através da transmissão oral de histórias e saberes, celebrações tradicionais e formas artísticas distintas, essas culturas resistem à assimilação cultural massificada, mantendo vivas suas tradições e contribuindo para a diversidade e riqueza do panorama cultural global.

A cultura contemporânea é influenciada pelo contexto sociopolítico e tecnológico que está em constante mudança. Ela reflete a diversidade e a complexidade da vida moderna, incorporando elementos da cultura global, das subculturas urbanas e das realidades locais. Como bem atestam Carlos Brandão e Maurício Fagundes, na sociedade capitalista, onde a desigualdade e exclusão são

predominantes, há uma clara supremacia da cultura erudita/dominante sobre a cultura popular. Logo, qualquer plano voltado para romper com a desigualdade, injustiça e marginalização presentes em comunidades e entre pessoas, deve incluir também um componente cultural significativo (BRANDÃO e FAGUNDES, 2016).

Nas periferias urbanas, em particular, a cultura contemporânea muitas vezes se manifesta como uma forma de resistência e expressão contra as adversidades e desigualdades enfrentadas. Nas periferias, a cultura pode ser uma ferramenta para a conscientização e a mobilização social. Grupos e movimentos culturais nas periferias frequentemente se expressam por meio da música, a arte, o teatro, a dança entre outros, para abordar questões como a discriminação, a violência, a falta de oportunidades e a desigualdade. Ao citar Gullar, Brandão e Fagundes enfatizam que por meio da conscientização e da politização das classes populares se constrói o caminho para que o poder saia da mão das classes dominantes, mas esse caminho não seria possível sem a valorização da cultura popular (BRANDÃO e FAGUNDES, 2016).

A cultura popular e periférica, muitas vezes marginalizada e subestimada pela sociedade dominante, desempenha um papel fundamental na vida cotidiana dessas comunidades. É nesse contexto que a abordagem de Freire encontra um solo fértil para florescer.

A Educação Transformadora em Freire evidencia a importância da valorização da cultura periférica. Essa abordagem busca superar a "educação bancária". Em *A Concepção "Bancária" da Educação como Instrumento de Opressão. Seus Pressupostos, suas Críticas*, capítulo de *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire explica as concepções dessa chamada educação bancária onde o educador é o centro de todo processo educativo e o educando um mero receptor, em que o educador detém todo o conhecimento e qualquer resquício de saber que viria do educando é totalmente descartado. Na educação bancária a diversidade, a multiculturalidade, são totalmente descartadas para que haja a alienação dos oprimidos. Fica claro que a rejeição às individualidades, o apagamento cultural, é político e estratégico para as classes dominantes. (FREIRE, 2005). Portanto, a visão educacional de Freire enfatiza a importância da participação ativa, do diálogo, da conscientização e da ação como elementos essenciais para a formação de cidadãos

críticos e engajados. Freire propõe capacitar os oprimidos a compreenderem e transformarem a realidade em que vivem.

A essência da práxis, segundo Paulo Freire, reside na interação entre pensar e fazer, na capacidade de criticar e, a partir dessa crítica, agir para dismantelar o sistema opressor. Esse processo visa emancipar o oprimido, permitindo que saia da posição de subjugação. A práxis não se limita à reflexão teórica desvinculada da prática; ela implica na conscientização crítica que conduz à ação transformadora. Ao criticar as estruturas opressivas e agir para mudá-las, os oprimidos se tornam agentes ativos na reconfiguração de sua própria realidade. Assim, a Práxis representa um ciclo dinâmico de reflexão, crítica e ação, um movimento contínuo que visa não apenas compreender o mundo, mas transformá-lo ativamente para promover a libertação e a justiça social (FREIRE, 2005).

2. Pulando o muro - O que está sendo feito hoje e agora?

Na intersecção entre cultura, educação e transformação social, projetos e espaços culturais nas periferias emergem como catalisadores para a construção de uma educação que transcende a transmissão de conhecimento. Nos últimos anos, a importância dessas iniciativas tem sido cada vez mais reconhecida, à medida que comunidades se unem para redefinir os caminhos da aprendizagem e da emancipação.

Projetos culturais e espaços de expressão artística desempenham muitas vezes o papel que deveria ser da escola e também do próprio estado, de proporcionar que a Educação Transformadora ganhe vida. Ouvindo Thiago Elniño em *Pedagoginda*, essa afirmação se tornou ainda mais significativa:

Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava

Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava

Ela explicava, explicava, querendo que eu

Criasse um interesse num mundo que não tinha nada haver com o meu.

(ELNIÑO, Thiago. *Pedagoginga*, Thiago Elniño, 2017, 5 min)

À medida que mergulhamos nesta exploração, é fundamental considerar que a cultura periférica é um tesouro de expressões, tradições, arte e diversidade

cultural. Essa riqueza, muitas vezes negligenciada e subestimada, representa a identidade e a força das comunidades nas periferias. A cultura local preserva as raízes das comunidades, oferece uma linguagem compartilhada que transcende barreiras e desafia estereótipos. Ela cria um senso de pertencimento e orgulho nas comunidades, elementos essenciais para a construção de uma educação que ressoa com a experiência de vida de seus participantes.

Nesse cenário, os projetos culturais atuam como faróis de esperança, resistência e mudança. Celebram a cultura local, e também entendem que sua valorização é indispensável no caminho para a conscientização e para a ação transformadora. Música, arte, dança, teatro e outras formas de expressão não são apenas diversão e entretenimento, nas mãos de uma comunidade culturalmente consciente, são armas na revolução do proletariado. O palco de espaços culturais é o lugar onde as vozes marginalizadas podem ser ouvidas, onde histórias são contadas e onde, por meio da arte, as comunidades reivindicam seus direitos fundamentais. Esses espaços culturais representam também pontos de memória, onde se registra, documenta e mantém viva a história de um povo. São verdadeiros repositórios de experiências, narrativas e tradições.

Através de narrativas inspiradoras e evidências tangíveis, examinaremos o impacto de três iniciativas de projetos culturais no Distrito Federal. Cada história, cada iniciativa e cada voz contribuem para a construção de uma nova narrativa educacional, onde a cultura se eleva como a alavanca para a transformação, capacitando comunidades a desafiar a marginalização e a moldar um destino de inclusão, igualdade e empoderamento. O primeiro deles é o Jovem de Expressão (JEX), localizado em Ceilândia, referenciado através dos anuários dos anos de 2016 e 2022, materiais construídos pelo próprio JEX que reúnem as ações mais relevantes de cada ano. Em seguida, destaca-se o projeto Coletivo Cidade, localizado na Cidade Estrutural, referenciado pelo site do projeto em parceria com o OCA (Observatório da Criança e do Adolescente). Por fim, a ocupação cultural Mercado Sul em Taguatinga, também referenciado pelo seu site e pelo artigo de Raíssa Oliveira e Antonádia Borges, *Brincar com (a) propriedade: crianças em movimentos de ocupação (2022)*.

Além de sua natureza revolucionária e seu caráter popular, essas iniciativas foram cuidadosamente escolhidas por estarem enraizadas nas periferias do Distrito Federal, desafiando ativamente as estruturas do capitalismo predominante. Ao selecionar especificamente os projetos do Jovem de Expressão e do Coletivo Cidade, minha participação direta permitiu uma imersão profunda, proporcionando uma compreensão autêntica de seu potencial de empoderamento, promoção da autoestima, cuidado e educação dentro de suas comunidades. Quanto ao Mercado Sul, destaca-se sua habilidade em transformar espaços outrora improdutivos em locais vibrantes de interação, expressão cultural e atividade econômica, tornando-se um ponto central de convergência para as comunidades locais.

2.1 Jovem de expressão

O programa Jovem de Expressão, originado em 2007 pelo Grupo Caixa Seguradora e atualmente gerenciado pela Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS) na cidade de Ceilândia - Distrito Federal, foi concebido com a missão de promover saúde e prevenir a exposição à violência entre jovens de 18 a 29 anos. Este programa se destaca por oferecer atividades, eventos e intervenções artísticas, esportes urbanos e rodas de terapia gratuitas, alcançando diretamente e indiretamente cerca de 3 mil jovens desde o início do JEX. Não se limitando apenas às atividades culturais e esportivas, o Jovem de Expressão também se tornou um espaço para a formação e capacitação de jovens instrutores, permitindo que eles aprimorem seus talentos e trabalhem no que amam através da valorização da arte local.

Através da análise dos anuários do projeto Jovem de Expressão nos anos de 2016 e 2022, é possível vislumbrar uma jornada marcante no que tange à influência desse projeto na Educação Transformadora das periferias. Esses registros fornecem uma perspectiva detalhada sobre as atividades, conquistas e impacto social do Jovem de Expressão ao longo desses anos, revelando não apenas o crescimento do programa, mas também seu papel fundamental na promoção da cultura e na construção de oportunidades educacionais nas comunidades periféricas de Ceilândia.

Ao longo dos anos, o programa tem se destacado por trazer oportunidades não apenas de entretenimento, mas também de formação e inclusão social. Com um ambiente inclusivo para diversos públicos, os instrutores do programa vêm de diferentes áreas profissionais e atuam diretamente no compartilhamento de conhecimentos e experiências com os participantes. O Jovem de Expressão estabeleceu parcerias com outras entidades, expandindo suas atividades para áreas como empreendedorismo, com o espaço colaborativo que visa fortalecer experiências empreendedoras e o desenvolvimento de negócios sustentáveis.

Este projeto tem seu alicerce na cultura, educação, lazer, esporte e trabalho, promovendo uma ampla gama de oficinas que se conectam diretamente com a identidade e as necessidades da comunidade atendida. Ao trazer acesso a manifestações artísticas e oportunidades de diálogo entre os participantes, o programa destaca-se na promoção do respeito à diversidade cultural e na construção do senso crítico dos envolvidos.

Em 2015 e 2016, o programa Jovem de Expressão apresentou uma estrutura física robusta e diversificada, contando com uma sala de dança, um infocentro, biblioteca, escritório compartilhado e estúdio de edição multimídia. O Departamento Urbano de Comunicação e Arte abrangia o TV Expressão, Coletivo Expressão, Núcleo de Criação, grafite, dança e teatro. Além disso, o programa abordava questões pertinentes ao bem-estar e equilíbrio social, discutindo temas sensíveis como a redução da maioria penal, identidade de gênero, gênero e sexualidade, oferecendo também serviço de atendimento a usuários de substâncias químicas. A interação com a comunidade e a cultura urbana do DF era evidente por meio de um espaço aberto, o Sabadão Cultural, o Elemento em Movimento e a produção de diversos outros eventos.

Em 2022, o programa Jovem de Expressão alcançou novos patamares ao expandir seu foco para a saúde mental, reconhecendo sua importância para o bem-estar dos jovens nas comunidades periféricas. Além disso, demonstrou um apoio significativo aos trabalhos culturais durante a pandemia, atuando como um ponto de referência e suporte para os artistas locais. O programa também se destacou ao fomentar projetos de pré-vestibular, fornecendo oportunidades educacionais fundamentais para os jovens dessas regiões. Adicionalmente, investiu

no empreendedorismo cultural e audiovisual nas periferias por meio do Festival Cine de Expressão, fortalecendo o potencial criativo e econômico dessas comunidades, e contribuindo para a promoção da cultura local de forma inovadora e sustentável.

Essas iniciativas mostram o compromisso contínuo do Jovem de Expressão em capacitar e inspirar a juventude das periferias, promovendo não apenas o acesso à cultura, mas também a educação e o desenvolvimento pessoal e profissional.

O programa Jovem de Expressão, ao promover a pluralidade cultural, o diálogo intercultural e a capacitação dos jovens, desempenha um papel crucial na construção de uma Educação Transformadora nas periferias. Por meio de suas atividades, debates, formações e apoio à comunidade local, o projeto oferece mais do que entretenimento; ele oferece oportunidades para reflexão crítica, aprendizagem colaborativa e desenvolvimento pessoal. Ao fortalecer o senso de identidade, promover o respeito à diversidade e fornecer ferramentas para a expressão criativa, o Jovem de Expressão se torna um agente catalisador na formação de indivíduos capazes de transformar suas realidades, contribuindo para uma educação que transcende os muros das escolas e impacta positivamente a vida dos jovens nas periferias urbanas.

2.2 Coletivo Cidade;

O Coletivo Cidade é uma organização comunitária sediada na região da Cidade Estrutural, no Distrito Federal. Sua missão é promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes durante o período oposto ao escolar, oferecendo atividades artísticas, educativas e acompanhamento psicossocial. Desde sua concepção em 2011, o Coletivo cresceu a partir de experiências acumuladas desde 2007 na proteção de jovens. Inicialmente formado por moradores locais, profissionais da assistência social, e estudantes universitários, ao longo do tempo, expandiu-se para incluir educadores e voluntários de diversas áreas.

Atualmente o projeto atende cerca de 200 crianças e adolescentes, de 6 a 17 anos, com a intenção de estimular seu desenvolvimento em várias esferas da vida, tanto individual quanto coletiva. As atividades buscam promover a valorização do conhecimento, desenvolvimento de habilidades e o planejamento de projetos de

vida comprometidos com o bem-estar comum. Além disso, o Coletivo Cidade trabalha ativamente temas cruciais para a comunidade, como direitos humanos, direito à infância, diversidade, educação emancipadora, racismo, violência contra a mulher, exploração sexual de crianças e adolescentes, entre outros desafios que fazem parte do contexto da região.

A organização não se limita apenas ao atendimento das crianças e adolescentes. Também funciona como um espaço de convivência e educação para toda a comunidade local. A segurança alimentar é uma preocupação constante, sendo oferecidas duas refeições diárias, visando o acompanhamento integral das necessidades das crianças e adolescentes. Durante a pandemia, o Coletivo assumiu um papel crucial ao distribuir cestas básicas para famílias em situação de vulnerabilidade. O grupo mobilizou voluntários e recursos para garantir que as comunidades mais afetadas tivessem acesso a alimentos essenciais, inclusive eu fui uma das voluntárias durante o ano de 2020.

No aspecto pedagógico, há uma coordenação específica para pensar na aprendizagem e no desenvolvimento de processos formativos que despertem e fortaleçam as habilidades dos atendidos. Além disso, uma equipe psicossocial composta por psicóloga e assistente social acompanha as relações sociais e o contexto familiar dos educandos, intervindo para superar dificuldades que possam surgir no cotidiano.

O Coletivo da Cidade busca não apenas ajudar no crescimento individual dos atendidos, mas também criar uma comunidade consciente de seus direitos, capacitada e protagonista de sua própria história, indo ao encontro da Educação Transformadora. Sua visão é valorizar o olhar das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, garantindo sua proteção integral e fortalecendo os vínculos para a construção coletiva de uma sociedade mais justa e engajada.

2.3 Mercado Sul;

O Mercado Sul é mais do que um projeto de revitalização urbana. Trata-se de uma iniciativa que nasceu da união e da resiliência de um movimento cultural, trabalhadores e moradores do Beco da Cultura na região do antigo Mercado Sul de Taguatinga, Distrito Federal. É um local com uma história multifacetada que se

entrelaça com a própria evolução da cidade de Taguatinga. Sua origem remonta à década de 50, antes mesmo da inauguração de Brasília, quando foi estabelecido como um dos primeiros centros comerciais da região. Esse período também testemunhou a presença de artistas, músicos, poetas e pensadores que, de certa forma, inauguraram uma ocupação cultural no local, desafiando o crescente capitalismo que permeava Brasília.

Fundamentado na crença de que o direito de viver não deve ser subjugado aos interesses da especulação imobiliária, o Mercado Sul busca recuperar não apenas espaços físicos, mas também o tecido social e cultural da região. Esse movimento reivindica o espaço público como um lugar de convívio saudável e coletivo, servindo ao bem comum e sendo inclusivo e participativo.

A iniciativa visa preservar a história e a identidade cultural do antigo Mercado Sul, um local onde a criatividade floresce e se manifesta de várias formas: na construção de violas, vídeos, mamulengos, artesanatos ou instrumentos improvisados com materiais simples, como papelão e saco de cimento. Esse espaço transforma-se em palco, roda de capoeira, escola, feira e comunidade, agregando uma multiplicidade de atividades e iniciativas culturais e coletivas. O Mercado Sul desempenha um papel crucial na educação da região, oferecendo uma fonte rica de aprendizado multidisciplinar. Sua atmosfera cultural diversificada e sua história enraizada proporcionam aos jovens uma oportunidade única de compreender as tradições locais, as práticas comerciais, a arte e a identidade da comunidade.

O Mercado Sul representa um esforço coletivo para dignificar a morada e o trabalho daqueles que ali residem, fortalecendo e expandindo ações já realizadas e servindo de suporte para novas iniciativas. Esse movimento é um testemunho da resistência e da determinação de uma comunidade em preservar seu patrimônio histórico, sua identidade cultural e em construir um espaço que sirva ao bem-estar e à realização coletiva.

O Mercado Sul é um catalisador inspirador para uma educação transformadora ao oferecer um ambiente dinâmico, repleto de diversidade cultural, experiências e conhecimento compartilhado, este espaço se torna uma plataforma educacional inclusiva para pessoas de todas as idades. A interação com diferentes

culturas, a participação em eventos culturais e a troca de ideias entre os membros da comunidade no Mercado Sul são elementos-chave que enriquecem a educação, promovendo o aprendizado ao longo da vida. Essa abordagem holística da educação vai além dos limites convencionais, capacitando as pessoas a aprenderem com o mundo ao seu redor, estimulando a curiosidade, a criatividade e a compreensão mútua.

Considerações Finais

Durante esta trajetória de reflexões sobre a Educação Transformadora e seu enlace com os espaços culturais nas periferias, emergiu um entendimento sobre a influência e a relevância desses ambientes na formação de indivíduos e no contexto educacional. A Educação Transformadora, embasada nos ideais de Paulo Freire, vai além das estruturas convencionais de ensino, buscando a conscientização crítica e a emancipação das comunidades. A análise desses espaços culturais revelou que eles se configuram como epicentros de aprendizado, estimulando a construção de conhecimento, a expressão artística e a participação ativa dos indivíduos no processo educativo.

Esses princípios foram profundamente explorados e articulados ao longo deste diálogo. A compreensão de que a educação vai além dos muros das escolas e se manifesta nas vivências cotidianas, na arte, na música, no convívio social e na cultura popular. A Educação Transformadora, ao buscar a conscientização crítica, encontra nos espaços culturais uma fonte inesgotável de conhecimento, experiências e saberes que ampliam os horizontes educacionais.

No contexto específico dos projetos pesquisados, como o Jovem de Expressão, o Coletivo Cidade e o Mercado Sul, torna-se claro o papel revolucionário e transformador dessas iniciativas. Eles não apenas oferecem entretenimento e atividades culturais, mas também proporcionam um espaço de formação, reflexão e inclusão para os jovens das periferias. Ao fomentar a valorização da cultura local, o respeito à diversidade e o desenvolvimento pessoal e profissional, esses projetos tornam-se agentes catalisadores na formação de indivíduos críticos e engajados na transformação de suas próprias realidades.

Essa jornada ressalta de maneira contundente o papel essencial do Estado na implementação de políticas públicas que fomentem e valorizem a diversidade cultural, reconhecendo as múltiplas formas de conhecimento presentes nos espaços de Cultura Popular. É imperativo que o Estado assuma a responsabilidade de garantir o acesso e a preservação desses saberes, promovendo a inclusão desses elementos nos programas e práticas educacionais.

Em síntese, essa jornada reforça a importância de uma abordagem educacional que reconheça e valorize as múltiplas formas de conhecimento presentes nos espaços de valorização da Cultura Popular. Ao integrar esses elementos na prática pedagógica, é possível construir uma educação que promove mudanças sociais significativas.

Posfácio

Hoje, com 24 anos, vejo que ainda tenho muitos porquês para perguntar, mas agora descobri espaços e pessoas, inclusive grandes amigos, que me ajudam nesse caminho. A minha própria graduação foi cheia de descobertas e confusões, passei por duas faculdades públicas e por dois cursos que construíram e ainda vão construir muito do que eu sou. E especificamente na minha graduação em pedagogia que tive uma das únicas certezas da minha vida, a de que eu queria estudar o fenômeno da educação. Nem a certeza de que quero me tornar professora existe, mas com certeza quero continuar estudando sobre tudo isso, sobre o impacto que a educação têm nas vidas e o impacto que as vidas tem na educação.

Muitas pessoas passaram por mim durante esse tempo na graduação, pessoas que apenas passaram, mas muitas pessoas que marcaram. Gostaria aqui, em minhas considerações finais, de citar alguns nomes. A meus amigos Larissa Paiva e Lucas Mota, que me inspiraram em cada página deste artigo, dois outros incríveis autores negros que também apresentaram seus trabalhos de conclusão de curso em 2023, trabalhos que também falam sobre a força da periferia. Meu companheiro, Samuel Botelho, que nunca deixou com que eu deixasse de confiar em mim, que também me inspirou em nossas conversas sobre arte, sobre as pessoas e sobre o mundo. Meus pais, que permitiram que eu estivesse aqui, que eu

conquistasse tudo o que conquistei, pessoas as quais me inspiram em luta, hoje e sempre. Meu primo, Ronny Felipe Oliveira Duarte, sua presença em mim é combustível para tudo o que eu construo pensando em um mundo mais justo. E por fim, mas não menos importante, agradecer a todas as crianças da turma Sociedade Secreta Maluca, turma de segundo ano a qual tive o prazer de ser educadora durante meu estágio em 2023. Vocês foram minhas verdadeiras professoras!

Compreender a educação como um processo vivo e em constante diálogo com a realidade é um aprendizado contínuo. Olhando para trás, percebo que cada passo, cada encontro e desafio moldaram minha jornada acadêmica e pessoal. Dentro dessa trajetória, encontrei vozes e experiências que ecoam com a essência da transformação social, com a cultura vibrante das periferias e com a vitalidade da educação como instrumento de emancipação. A jornada acadêmica não foi apenas sobre absorver conhecimento teórico, mas também sobre mergulhar em vivências, questionar paradigmas e reconhecer a potência das múltiplas vozes que habitam os espaços educacionais.

Neste ponto de chegada, percebo que minha jornada está longe de se encerrar. Ainda há muitos caminhos a percorrer, novos diálogos a iniciar e aprendizados a absorver. Mais do que um futuro como professora, vislumbro uma constante busca pelo entendimento da educação como um agente de transformação, pela valorização das culturas periféricas e pela construção de espaços educacionais mais inclusivos, reflexivos e significativos para todos. É um compromisso com a mudança, com a justiça social e com o entendimento de que a educação é um poderoso instrumento para a construção de um mundo melhor.

Ao refletir sobre a complexidade dos percursos individuais na busca pela emancipação, não posso deixar de evocar a poderosa mensagem expressa por Emicida em seu icônico álbum *Pra quem já mordeu um cachorro por comida até que eu cheguei longe*. O trecho que ressoa em mim como um chamado à reflexão e ao recomeço é simples, porém profundo:

Que é necessário voltar ao começo.

Quando os caminhos se confundem, é necessário voltar ao começo.

Não sabe pra onde ir? Tem que voltar pro começo.

Pra não perder o rumo, não pode esquecer do começo”.

(EMICIDA. Intro - É necessário voltar ao começo. Laboratório Fantasma. 2009. 5:37 min)

Essa mensagem ressoa como um lembrete sobre a importância de reconhecer nossas origens, nossas raízes, pois é a partir desse ponto de partida que encontramos a essência de nossas jornadas. Ela nos convida a não perder de vista a fonte de nossas trajetórias, a não esquecer o que nos constitui. Esse retorno ao início não é um retrocesso, mas sim um ato de resgate e reafirmação da nossa identidade, uma bússola que nos guia na jornada pela emancipação e pela transformação. Ao citar essas palavras, busco encerrar este trabalho com a lembrança de que, por mais complexos que sejam nossos trajetos, encontrar a nós mesmos é um passo essencial para seguir adiante na busca pela emancipação.

Referências

ACANDA, J. L. Sociedade civil e hegemonia. Tradução de Lisa Stuart. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006.

AMARAL, Sílvia. Lazer e Políticas Públicas: Um olhar sobre a periferia. Rio de Janeiro. Instituto Usina Social, 2009.

BOTELHO, Natália. Jovem de Expressão, Anuário de Atividades, Ceilândia - DF, 2022, 65 pgs.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo, Editora Brasiliense, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação, Educar em revista, Curitiba, 2016.

EMICIDA. Intro - É necessário voltar ao começo. Laboratório Fantasma. 2009. 5:37 min.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. O manifesto comunista. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

ELNIÑO, Thiago. Pedagogia, Thiago Elniño, 2017, 5 min.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. A Escola na Cidade que Educa. Cadernos Cenpec, 2006.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. Brasília, DF, Revista Diálogos: IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: Domínio Epistemológico, 2012.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2020.

MARX, Karl. O Capital, Livro I, Volume II. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe São Paulo, Nova Cultural, 1996.

MERECADO SUL, <https://www.mercadosul.org/> , 15 de Nov de 2023.

MONTEIRO, Mônica e DIAS, Cleber. Lazer e Periferia: Um olhar a partir das cidades. Rio de Janeiro, Instituto Usina Social. 2009.

MOREIRA, Antonio e CANDAU, Vera. Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2013.

OCA, Coletivo Cidade. <http://www.coletivodacidade.org/> ,15 de Nov de 2023.

OLIVEIRA, Raíssa e BORGES, Antonádia. Brincar com (a) propriedade: crianças em movimentos de ocupação, Desidades, 2022.

PONS, Gregoire e SCARTEZINI, Alice. Jovem de Expressão, Anuário de Atividades, Ceilândia - DF, 2015/2016, 44 pgs.

SALVADOR, Angelo. Cultura e Educação Brasileiras. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1974.

SINIIC, Brasília, DF, <http://mapa.cultura.df.gov.br/> , 12 de Nov de 2023.